O SER COMO POSIÇÃO EM KANT E HEIDEGGER: DA RELAÇÃO LÓGICA À RELAÇÃO ÔNTICA*

BEING AS POSITING IN KANT AND HEIDEGGER: FROM LOGICAL RELATION TO ONTIC RELATION

Bruno Cunha**

RESUMO
O presente artigo examina a interpretação desenvolvida por Heidegger acerca da tese kantiana segundo a qual o ser (*Sein*) consiste na posição (*Position*) de uma coisa. Partindo da comparação entre o *Único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus* (1763) e a *Crítica da razão pura* (1781/1787), argumenta-se que a identificação entre ser e posição já se encontra formulada no período pré-crítico, incluindo a distinção entre o posicionamento da coisa em si mesma e o posicionamento meramente relativo próprio do uso lógico. Em seguida, analisa-se a leitura proposta por Heidegger em *A tese de Kant sobre o ser*, especialmente sua distinção entre o uso lógico e o uso ôntico do ser, bem como sua interpretação dos Postulados do Pensamento Empírico em Geral. Sustenta-se que, embora a filosofia crítica introduza uma fundamentação transcendental dos modos de ser mediante sua relação com as faculdades do conhecimento e com a experiência possível, ela não abandona a tese fundamental do ser como posição. Conclui-se que a novidade da filosofia crítica consiste menos numa redefinição conceitual do ser do que num aprofundamento das condições que justificam sua significação objetiva.
PALAVRAS-CHAVE: Kant; Heidegger; ser; posição; existência.

ABSTRACT
This article examines Heidegger's interpretation of the Kantian thesis according to which being (*Sein*) consists in the positing (*Position*) of a thing. Through a comparison between *The Only Possible Argument in Support of a Demonstration of the Existence of God* (1763) and the *Critique of Pure Reason* (1781/1787), it is argued that the identification of being with positing is already formulated in Kant's pre-critical period, including the distinction between the positing of a thing in itself and the merely relative positing characteristic of logical use. The article then analyzes Heidegger's interpretation in *Kant's Thesis About Being*, with particular attention to his distinction between the logical and the ontic use of being, as well as his reading of the Postulates of Empirical Thinking in General. It is argued that, although critical philosophy introduces a transcendental grounding of the modes of being through their relation to the faculties of cognition and to possible experience, it does not abandon the fundamental thesis that being is positing. The paper concludes that the novelty of critical philosophy lies less in a conceptual redefinition of being than in a deeper account of the conditions that justify its objective significance.
KEYWORDS: Kant; Heidegger; being; positing; existence.

* * Artigo recebido em 31/05/2026 e aprovada para publicação em 01/06/2026.
** Doutor e mestre em Filosofia pela UFU. Professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), Campus São Vicente. E-mail: bertonifilosofia@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A crítica kantiana da prova ontológica é tradicionalmente associada à tese segundo a qual a existência não constitui um predicado real. Formulada de maneira célebre na Quarta Seção do Ideal da Razão Pura, essa tese costuma ser tomada como uma das contribuições mais características da filosofia crítica para o debate acerca da existência. Contudo, uma leitura atenta dos escritos anteriores à *Crítica da razão pura*[1] (Kant, 1956, 1994, 1998) revela que vários dos elementos mobilizados por Kant em 1781 já estavam presentes no *Único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*, de 1763. Entre eles destaca-se a definição do ser (*Sein*) como posição (*Position* ou *Setzung*), tema que desempenha papel decisivo tanto na crítica ao argumento ontológico quanto na compreensão kantiana da existência.

A proximidade entre os dois textos torna particularmente relevante a seguinte questão: em que medida a filosofia crítica modifica a compreensão kantiana do ser como posição? Se a identificação entre ser e posição já se encontra formulada em 1763, qual seria a contribuição específica da *Crítica da razão pura* para essa problemática? A resposta a essa questão adquire especial interesse quando confrontada com a interpretação desenvolvida por Heidegger em *A tese de Kant sobre o ser* (Heidegger, 1976, 2008). Segundo o filósofo alemão, a reflexão crítica não abandona a concepção pré-crítica do ser como posição, mas introduz uma nova fundamentação capaz de esclarecer os diferentes modos de ser por meio de sua relação com as condições da experiência.

O objetivo deste artigo consiste em examinar a interpretação heideggeriana da tese kantiana do ser como posição, investigando em que sentido ela permite compreender simultaneamente a continuidade e a transformação do problema entre o período pré-crítico e o crítico. Para tanto, na primeira seção será analisada a caracterização do ser como posição em textos de 1763 e de 1781. Na segunda seção será examinada a noção de posição relativa, destacando a função lógica do ser enquanto cópula do juízo. Na terceira seção serão discutidas as análises de Heidegger acerca dos dois sentidos da relação implicados na noção de posição e

[1] Para as citações de textos clássicos, adoto os sistemas de referência consagrados na literatura especializada. As obras de Kant são indicadas pelas abreviaturas *BDG* (*Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gottes*), *KrV* (*Kritik der reinen Vernunft*), *V-MP-L1*/Pölitz (*Metaphysik L1 nach Pölitz*), *V-Th*/Pölitz (*Vorlesungen über die philosophische Religionslehre nach Pölitz*) e *Refl* (*Reflexionen*). A *crítica da razão pura* é citada segundo a paginação das edições originais A e B; as demais obras seguem a edição da *Akademie-Ausgabe* (AA), com indicação do volume e da página correspondentes.

sua leitura dos *Postulados do pensamento empírico em geral*. Por fim, será mostrado que, embora a filosofia crítica introduza uma fundamentação transcendental dos modos de ser, ela preserva o fio condutor que já orientava a reflexão kantiana de 1763: a determinação do ser a partir de sua relação com o intelecto.

1 O SER COMO POSIÇÃO EM KANT

A tese segundo a qual o ser (*Sein*) consiste na posição (*Position*) de uma coisa é normalmente associada à formulação apresentada por Kant na Quarta Seção do Ideal da Razão Pura. Entretanto, antes de investigar suas possíveis reformulações no período crítico, é necessário examinar a própria definição do ser oferecida por Kant em 1781, pois é ela que servirá de parâmetro para a comparação com o texto do *Único argumento* (Kant, 2004). A passagem central afirma: *"Ser* (*Sein*) não é, obviamente, nenhum predicado real, isto é, um conceito de algo qualquer que possa acrescentar-se ao conceito de uma coisa. É a mera posição de uma coisa ou de certas determinações em si mesmas"[2] (*KrV* A598/ B626, tradução nossa).

Como pode ser conferido acima, Kant estabelece em 1781 que "ser" (*Sein*) não exerce a função de um predicado real (aquele conceito-predicado que acrescenta uma nova determinação a um conceito-sujeito). Após apresentar uma noção negativa do ser (*Sein*), a de que ele não pode ser considerado predicado real, na sequência da passagem ele apresenta uma noção positiva, a saber, a compreensão do ser como posição (*Position*) da coisa.

Empregar o vocabulário "*Sein*" para tratar dos juízos de existência, afirmar que o ser (*Sein*) não pode ser considerado um predicado real, e afirmar que o ser (*Sein*) deve ser considerado uma posição (*Position*) são contribuições novas da *Crítica da razão pura* (Kant, 1956), ou são reflexões que já eram contempladas dentro dos raciocínios refutatórios propostos pelo *Único argumento possível para uma demonstração de Deus* (Kant, 2004)?

A respeito da noção positiva do "ser", a de que ele deve ser compreendido tal como a posição (*Position*) da coisa, vejamos a seguir, lado a lado, como essa questão aparece em ambas as obras:

- (*KrV*): [Ser] "É a mera posição (*Position*) de uma coisa" ou "de certas determinações em si mesmas";

[2] *Sein* ist offenbar kein reales Prädikat, d.i. ein Begriff von irgend etwas, was zu dem Begriffe eines Dinges hinzukommen könne. Es ist bloß die Position eines Dinges, oder gewisser Bestimmungen an sich selbst.

- (*BDG*): "O conceito de posição (*Position)* ou de posicionamento (*Setzung*) é completamente simples e equivalente ao de ser (*Sein*) em geral"[3].

Na comparação desses dois trechos a correspondência não deixa dúvidas. Ambos estão se referindo ao ser (*Sein*) e ambos empregam o conceito "posição" (*Position*) para indicar uma característica do "ser". O substantivo "*Setzung*" (sinônimo de *Position*) que aparece na citação de "*BDG*", também é empregado (em sua forma verbal) na sequência da passagem da qual foi extraído o trecho acima, como pode ser conferido a seguir:

> Ora, se tomo o sujeito (Deus) juntamente com todos os seus predicados (entre os quais pertence também a onipotência) e afirmo: *Deus é*, ou há um Deus, então não ponho (*setzung*) nenhum predicado novo ao conceito de Deus, mas apenas ponho o sujeito em si mesmo com todos os seus predicados e, de fato, ponho o *objeto* em relação ao meu *conceito*[4] (*KrV* A599/ B627, tradução nossa).

Fica claro que o uso de "*Position*" e/ou "*Setzung*" para descrever a característica do ser "*Sein*", ou de "setzen" para indicar o ato de pôr (ou colocar), sejam predicados em relação a sujeitos, ou do próprio objeto em si mesmo, é uma reflexão filosófica que já está descrita no *Beweisgrund* (Kant, 1912). Afinal de contas, tanto na obra de 1763, quanto na de 1781, é mencionada a característica do "ser" (*Sein*) de "posicionar" (*setzen*): i. seja de modo relativo (o predicado em relação ao sujeito); ii. seja da coisa "em si mesma". Mais uma vez, coloquemos trechos lado a lado para enfatizar a comparação:

– (*KrV*): [Ser] "No uso lógico é simplesmente a cópula de um juízo"[5];

– (*BDG*): "[…] e assim, o ser (*Sein*), que é a posição (*Position*) dessa relação, nada mais é do que o conceito de ligação num juízo"[6];

– (*KrV*): "[…] mas apenas ponho (*setze*) o sujeito em si mesmo (*an sich selbst*) com todos os seus predicados […]"[7];

– (*BDG*): "Se considerarmos não apenas essa relação, mas a coisa posta (*gesetzt*) em e por si mesma (*an und vor sich selbst*), então este ser (*Sein*) é tanto quanto a existência (*Dasein*)"[8].

---

[3] Der Begriff der Position oder Setzung ist völlig einfach, und mit dem vom Sein überhaupt einerlei (*BDG*, AA 02: 73).

[4] Nehme ich nun das Subjekt (Gott) mit allen seinen Prädikaten (worunter auch die Allmacht gehört) zusammen, und sage: Gott ist, oder es ist ein Gott, so setze ich kein neues Prädikat zum Begriffe von Gott, sondern nur das Subjekt an sich selbst mit allen seinen Prädikaten, und zwar den *Gegenstand* in Beziehung auf meinen *Begriff*.

[5] Im logischen Gebrauche ist es lediglich die Copula eines Urteils (*KrV* A598/ B626).

[6] "[…] und denn ist das Sein, das ist die Position dieser Beziehung nichts als der Verbindungsbegriff in einem Urteile" (*BDG*, AA 02: 73).

[7] "[…] so setze ich kein neues Prädikat zum Begriffe von Gott, sondern nur das Subjekt an sich selbst mit allen seinen Prädikaten […]" (*KrV* 599/ B627).

[8] Wird nicht bloß diese Beziehung, sondern die Sache an und vor sich selbst gesetzt betrachtet, so ist dieses Sein

Pelo que foi exibido acima, fica totalmente claro que: i. ambos os textos tratam da posição (*Position oder Setzung*) do ser (*Sein*); ii. ambos ressaltam o pôr (*setzen*) como relação (*Beziehung*) entre predicado e sujeito, o qual é denominado de cópula ou conceito de ligação (*Copula* – 1781, *Verbindungsbegriff* – 1763) de um juízo; iii. por fim, ambos distinguem o pôr de modo relativo, do pôr a coisa "em si mesma" (*an sich selbst* – 1781) ou "em e por si mesma" (*an und vor sich selbst* –1763).

A identificação do ser com a posição, contudo, não esgota a questão. Tanto em 1763 quanto na *Crítica*, Kant distingue dois modos fundamentais desse posicionamento. O primeiro deles é o ser enquanto posição relativa.

2 O SER ENQUANTO POSIÇÃO RELATIVA

Na Quarta Seção do Ideal da Razão Pura, Kant apresenta a sua tese sobre o ser (*Sein*) como posição (*Position oder Setzung*) e, também, comenta o aspecto de posicionar (*setzen*) de modo relativo; segue o texto da *Crítica*: "No uso lógico é simplesmente a cópula de um juízo. A proposição: 'Deus é onipotente', contém dois conceitos que possuem os seus objetos: Deus e onipotência; a palavrinha: 'é', não é um predicado a mais, mas tão somente aquilo que põe o predicado em relação ao sujeito"[9] (KrV A599/ B627, tradução nossa).

A citação acima explicita o emprego do "ser" enquanto posicionado "em relação" ao sujeito. A noção de pôr ou posicionar (*setzen*) é a maneira que Kant encontra para caracterizar o ser. O ser posto relativo a, ou respectivamente a, revela um modo de posicionar que se opõe ao ser posto "em si mesmo" (*an sich selbst*). O uso lógico, que é o caso mencionado na citação acima, favorece bastante a exemplificação do ser enquanto pôr em relação, pois a estrutura do juízo categórico assertivo é composta por um sujeito (S), um predicado (P), e um verbo de ligação (é) que conecta o predicado ao sujeito. Desse modo, quando se pensa que algum predicado determinado (P) convém a algum sujeito determinado (S), tem-se uma estrutura em que o predicado (P) é relacionado ao sujeito (S). Portanto, pensa-se o ser (*Sein*) como posição relativa quando o que está sendo posto é posto, ou posicionado, em relação a algo – que inclusive pode ser a ele mesmo, no caso de uma proposição analítica. No caso da estrutura "S

so viel als Dasein (*BDG*, AA 02: 73).

[9] "Im logischen Gebrauche ist es lediglich die Copula eines Urteils. Der Satz: Gott ist allmächtig, enthält zwei Begriffe, die ihre Objekte haben: Gott und Allmacht; das Wörtchen: ist, ist nicht noch ein Prädikat obenein, son||dern nur das, was das Prädikat *beziehungsweise* aufs Subjekt setzt" (*KrV* A599/ B627).

é P", podemos dizer que o ser (*Sein*), encarado como a cópula (*Copula*) do juízo (é), posiciona o conceito-predicado (P) respectivamente (*beziehungsweise)* ao conceito-sujeito (S).

No texto o *Único Argumento*, publicado em 1763, Kant também apresenta a noção de posição para o ser (*Sein*), bem como a sua característica de posicionar de modo relativo. Portanto, podemos afirmar que a forma com que é apresentado o raciocínio crítico da citação acima está em sintonia com o texto pré-crítico, como pode ser constatado a seguir:

> O conceito de posição (*Position)* ou de posicionamento (*Setzung*) é completamente simples e equivalente ao de ser (*Sein*) em geral. Ora, algo pode ser posto de modo meramente relativo, ou melhor, como mera relação (*respectus logicus*) de algo pensado como nota característica para uma coisa, e assim, o ser (*Sein*), que é a posição dessa relação, nada mais é do que o conceito de ligação num juízo. Se considerarmos não apenas essa relação, mas a coisa posta em e por si mesma, então este ser (*Sein*) é tanto quanto a existência (*Dasein*)[10] (*BDG*, AA 02: 73, tradução nossa).

O ser em geral (*Sein überhaupt*) é equiparado ao conceito de posição (*Position oder Setzung*). Na sequência, é apresentada a noção de pôr (*setzen*) de modo relativo (*beziehungsweise*); e o que é designado na crítica por "uso lógico" (*logischen Gebrauche*), em 1763 é nomeado de "*respectus logicus*". Assim, a forma de apresentar a posição relativa também é feita aqui apelando para a imagem do juízo, pois o texto faz menção a algo que é pensado como a "nota característica" (*Merkmal*) de uma coisa; desse modo, o ser (*Sein*) exerce a posição de mera relação (*bloß die Beziehung*), tal como um "conceito de ligação" (*Verbindungsbegriff*), como é o caso da partícula "é" (*ist*) no juízo (*Urteile*).

Além de fazer as mesmas considerações sobre o "uso lógico" (*logischen Gebrauche* – 1781; *respectus logicus* – 1763) do ser na função de "cópula" (*Copula* – 1781; *Verbindungsbegriff* – 1763), Kant também lança mão, em ambas as obras, dos mesmos objetos para preencher o exemplo do emprego do ser enquanto mera posição relativa; como pode ser comprovado abaixo:

> Se eu digo: "Deus é onipotente", apenas é pensada a relação lógica entre Deus e a onipotência, uma vez que esta é uma nota característica daquela. Nada mais é posto aqui. Que Deus seja (*sei*), isto é, se é absolutamente posto ou existe, isso, definitivamente, não está incluído. Portanto, ser é empregado corretamente mesmo naquelas relações que são absurdas entre si. Por exemplo: 'O Deus de Espinoza está submetido a mudanças incessantes'[11] (*BDG*, AA 02: 74, tradução nossa).

[10] Der Begriff der Position oder Setzung ist völlig einfach, und mit dem vom Sein überhaupt einerlei. Nun kann etwas als bloß beziehungsweise gesetzt, oder besser bloß die Beziehung (*respectus logicus)* von etwas als einem Merkmal zu einem Dinge gedacht werden, und denn ist das Sein, das ist die Position dieser Beziehung nichts als der Verbindungsbegriff in einem Urteile. Wird nicht bloß diese Beziehung, sondern die Sache an und für sich selbst gesetzt betrachtet, so ist dieses Sein so viel als Dasein.

[11] Wenn ich sage, "Gott ist allmächtig", so wird nur diese logische Beziehung zwischen Gott und der Allmacht gedacht, da das letztere ein Merkmal des ersten ist. Weiter wird hier nichts gesetzt. Ob Gott sei, das ist, absolute

"Deus é onipotente" é o juízo escolhido em ambos os textos para exibir o emprego da partícula "é" (*ist*) a qual relaciona a nota característica (onipotência) ao objeto (Deus). O *Único Argumento* ainda traz uma informação adicional que enriquece em muito a compreensão do ser (*Sein*) enquanto posição relativa; pois é afirmado na sequência do exemplo citado que "nada mais é posto aqui" (*Weiter wird hier nichts gesetzt*). Com esta afirmação, Kant destaca que a única coisa posta, posicionada, colocada, é a mera relação, isto é, a atribuição do predicado (onipotência) ao sujeito (Deus). Essa delimitação do alcance do posicionar de modo relativo ganha ainda mais detalhes, pois o autor indica que o ser (*Sein*) posto na proposição "Deus é onipotente" não inclui nenhuma afirmação acerca da posição de Deus, isto é, se Deus é posto "absolutamente" (ou "em e por si mesmo"). Inclusive, Kant dá um exemplo de juízo cujo atributo seria absurdo para mostrar a curiosa característica do posicionar de modo relativo, pois o ser (*Sein*) exerceria a sua função de posicionar de modo relativo mesmo se o seu predicado (mudanças incessantes) fosse aparentemente inadequado para convir ao sujeito apresentado (Deus) – tal como ele entende ser o caso com o raciocínio de Espinoza. Portanto, fica aludido que ainda que o objeto não possa ser posto "em si mesmo", o ser exerce a função lógica de posicionar a relação entre algum atributo a tal objeto.

Nas *Lições sobre a doutrina filosófica da religião* (Kant, 1972), a passagem que trata do ser enquanto posição reproduz quase que *ipsis litteris* a nota (*KrV* 526/ B626), como pode ser conferido a seguir:

> É a mera posição de uma coisa ou de certas determinações em si mesmas. No uso lógico é simplesmente a cópula de um juízo. A proposição: 'Deus é onipotente' contém apenas conceitos mais altos (lauter) que possuem os seus objetos: Deus e onipotência. A palavrinha: 'é', não é um predicado adicionado, mas tão somente aquilo que põe o predicado (onipotente) em relação ao sujeito (Deus)[12] (V-Th/Pölitz, AA 28: 1027, tradução nossa).

As únicas diferenças são que na *Crítica* lemos: "A proposição: *Deus é onipotente*, contém "dois conceitos" (*zwei Begriffe*) que possuem os seus objetos"; enquanto nas *Lições* lemos: "A proposição: *Deus é onipotente*, contém apenas conceitos "mais altos" (*lauter*

gesetzt sei oder existiere, das ist darin gar nicht enthalten. Daher auch dieses Sein ganz richtig selbst bei denen Beziehungen gebraucht wird, die Undinge gegen einander haben. Z. E. 'Der Gott des Spinoza ist unaufhörlichen Veränderungen unterworfen'.

[12] Es ist bloß die Position eines Dinges, oder gewisser Bestimmungen an sich selbst. Im logischen Gebrauche ist es lediglich die Copula eines Urtheiles. Der Satz: *Gott ist allmächtig*, enthält lauter Begriffe, die ihre Objekte haben. Gott und Allmacht. Das Wörtchen *ist* ist nicht noch ein Prädikat oben drein, sonder nur das, welches das Prädikat (allmächtig) beziehungsweise auf das Subjekt (Gott) setzt.

Begriffe) que possuem os seus objetos". E que na *Crítica* lemos: "'é', não é um predicado a mais (*obenein*)"; enquanto que nas *Lições*, ao invés de "*obenein*", é grafado "*oben drein*". Portanto, como a passagem é quase idêntica, o texto das *Lições* de Pölitz não oferece elementos adicionais para podermos esclarecer mais o ser enquanto posição relativa. Entretanto, citamos a passagem aqui para indicar como a tese de Kant sobre o ser (*Sein*), bem como seus recursos explicativos – tal como o exemplo do juízo "Deus é onipotente" –, revela sua constância ao ser repetida em várias obras.

O ponto decisivo para o presente estudo é que a função lógica do ser permanece rigorosamente independente da efetividade do objeto pensado. O ser enquanto cópula não põe a existência da coisa, mas apenas a relação entre sujeito e predicado. Nesse aspecto, a formulação crítica reproduz um esquema conceitual já plenamente desenvolvido em 1763.

3 HEIDEGGER E OS DOIS SENTIDOS DA RELAÇÃO

Na Quarta Seção do *Ideal da Razão Pura* é apresentada a tese de Kant acerca do ser (*Sein*). Nela o filósofo afirma que o ser pode ser compreendido, seja como a posição da coisa "em si mesma" (*an sich selbst*); seja, no uso lógico, como a posição que relaciona um predicado a um sujeito (*KrV* A598/ B626). Na primeira consideração do *Único Argumento* o ser também é citado de acordo com duas maneiras de se posicionar: o pôr a coisa "em e por si mesma" (*an und für sich selbst*); e, no emprego lógico, o "meramente pôr de modo relativo" (*bloß* beziehungsweise gesetzt) (*BDG*, AA 02: 73).

Além de observar que ambos os textos dissertam sobre duas maneiras de posicionar o ser, foi destacado também a similaridade entre as redações, uma vez que até o mesmo exemplo – "Deus é onipotente" – é lançado a fim de esclarecer melhor a compreensão do emprego do ser como posição relativa no uso lógico. Mas apesar da paridade que pode ser constatada em ambas as obras acerca do tema levantado aqui, será que a *Crítica da razão pura* traz alguma novidade a respeito de como o ser pode ser compreendido?

Na obra *A tese de Kant sobre o ser,* de 1961, Heidegger (1976, 2008), após apresentar alguns comentários sobre o ser em 1763, indica que Kant inseriu novas reflexões a respeito da cópula em certas passagens da segunda edição da *Crítica*, portanto, seis anos após a edição de 1781.

> No uso lógico do ser (a é b) trata-se da posição da relação entre sujeito e predicado da proposição. No uso ôntico do ser – esta pedra é ("existe") – trata-se da posição da relação entre o eu-sujeito e o objeto, isto, entretanto, de tal modo, que a relação sujeito-predicado se intercala transversalmente, por assim dizer, à relação sujeito-objeto. Disto reside que: "é" (ist) como cópula tem, na declaração de um conhecimento objetivo, um sentido diferente e mais rico do que tão somente o lógico. Ver-se-á que Kant chegou a esse discernimento apenas após uma longa reflexão, e só a expressou na segunda edição da "Crítica da razão pura". Seis anos após a primeira edição, ele é capaz de dizer como se comporta o "é" (ist), ou seja, o ser. Somente a "Crítica da razão pura" traz plenitude e determinação à interpretação do ser como posição[13] (Heidegger, 1976, p. 455-456, tradução nossa).

A interpretação heideggeriana encontra apoio em passagens acrescentadas à segunda edição da *Crítica da razão pura*. Entre elas, destaca-se o trecho em que Kant distingue a unidade objetiva da unidade meramente subjetiva das representações. Nessa passagem, a cópula "é" deixa de aparecer apenas como elemento de ligação entre sujeito e predicado e passa a ser caracterizada como aquilo que remete as representações à unidade objetiva da apercepção. Como afirma Kant, a cópula "é" visa distinguir a unidade objetiva da unidade subjetiva das representações, indicando sua relação necessária com a apercepção originária (*KrV* B141-142). Heidegger atribui grande importância a esse texto porque nele a cópula já não desempenha exclusivamente a função lógica descrita em 1763. O "é" continua exprimindo uma relação, mas essa relação não se limita mais ao vínculo entre conceitos no interior de um juízo; ela passa a designar também a referência das representações à unidade objetiva da consciência. Nesse sentido, a segunda edição da *Crítica* fornece um importante fundamento textual para a distinção heideggeriana entre uso lógico e uso ôntico do ser.

Heidegger distingue, portanto, duas formas de compreender a "posição da relação" (*die Position der Beziehung*) do ser: i. a relação entre o "sujeito da proposição" (*Satzsubjekt*) e o "predicado"; ii. a relação entre o "eu-sujeito" (*Ich-subjekt*) e o "objeto". O primeiro tipo, onde ocorre a relação entre predicado e sujeito, é o uso lógico – quanto a este ponto, ele já fora explorado na fase pré-crítica. No entanto, a respeito do segundo tipo, Heidegger aponta que a cópula (é) funciona como um intermediário (*dazwischenschaltet*) da "relação sujeito-predicado" (*Subjekt-Prädikat-Beziehung*) com a "relação sujeito-objeto" (*Subjekt-Objekt-Beziehung*).

[13] Im logischen Gebrauch des Seins (a ist b) handelt es sich um die Position der Beziehung zwischen Satzsubjekt und Prädikat. Im ontischen Gebrauch des Seins – dieser Stein ist ("existiert") – handelt es sich um die Position der Beziehung zwischen Ich-subjekt und Objekt, dies jedoch so, dass sich gleichsam quer zur Subjekt-Objekt-Beziehung die Subjekt-Peädikat-Beziehung dazwischenschaltet. Darin liegt: das "ist" als Copula hat in der Aussage einer objektiven Erkenntnis einen anderen und reicheren Sinn als den nur logischen. Inder wird sich zeigen, daß Kant erst nach langer Besinnung zu dieser Einsicht gelangt, sie sogar erst in der zweiten Auflage der "Kritik der reinen Vernunft" ausspricht. Sechs Jahre nach der ersten Auflage vermag er zu sagen, wie es sich mit dem "ist", d. h. mit dem Sein verhält. Erst die "Kritik der reinen Vernunft" bringt in die Auslegung des Seins als Position Fülle und Bestimmtheit.

Anteriormente havíamos mencionado o ser (*Sein*) enquanto posição relativa, no uso lógico, versus posição "em si mesma"; entretanto, se seguirmos as análises de Heidegger, é possível pensar duas maneiras em que o ser é colocado em relação (*Beziehung*): i. no uso lógico, o ser relaciona o predicado ao sujeito; ii. e um outro uso (ôntico), em que a relação sujeito-predicado é integrada à relação sujeito-objeto. O primeiro tipo ocorre no juízo; já o segundo tipo envolve a relação do ser com as "faculdades do nosso intelecto" (*Vermögen unseres Verstandes*).

Embora Heidegger formule essa distinção em termos de "uso lógico" e "uso ôntico" do ser, é interessante observar que textos kantianos posteriores também apresentam uma diferenciação semelhante. Nas lições de metafísica conhecidas como *Metaphysik L1*, ao discutir a existência, Kant (1968) afirma que "o *Dasein* é uma existência lógica ou real" (*V-MP-L1*/Pölitz, AA 28: 281). Em seguida, retoma o exemplo "Deus é onipotente" para esclarecer que, nesse caso, a cópula "é" exprime apenas uma existência lógica. A passagem é significativa porque associa explicitamente a tese da existência como posição à distinção entre um emprego lógico e um emprego real, sugerindo uma proximidade terminológica com a diferenciação que Heidegger posteriormente reconstruirá em termos de uso lógico e uso ôntico. A relevância dessa passagem torna-se ainda maior quando se considera sua datação provável na segunda metade da década de 1770. Situada entre o *Beweisgrund* e a publicação da primeira edição da *Crítica da razão pura*, ela sugere que a diferenciação entre uma existência lógica e uma existência real já ocupava um lugar importante nas reflexões kantianas imediatamente anteriores ao período crítico.

A interpretação proposta por Heidegger não se apoia apenas nas passagens publicadas da *Crítica da razão pura*. Após distinguir o uso lógico e o uso ôntico do ser, o comentador recorre também a uma nota das *Reflexões*, que, segundo ele, sintetiza de maneira particularmente clara a questão da posição. Heidegger observa que Kant, em uma anotação não datada (*Refl*. 6276), retoma precisamente a diferença entre a posição relativa própria do juízo e a posição absoluta implicada nos juízos de existência (Heidegger, 1976, p. 454). A nota afirma:

> Por meio do predicado de existência (*Daseyns*) não acrescento nada à coisa, mas antes a própria coisa ao conceito. Assim, em uma proposição existencial (*existentialsaß*) vou além do conceito, não para um predicado diferente daquele que foi pensado no conceito, mas para a própria coisa precisamente com os mesmos, nem mais, nem menos predicados; apenas (*nur*) que a posição absoluta (*absolute Position*) é pensada por adição (*es als hinzu*) sobre a relativa (*complementum possibilitatis*). O fundamento da aparência (*Sheins*) reside nisso, que o conceito do *entis realissimi* contém a *omnimodam determinationem*, mas todos os outros deixam o objeto vastamente indeterminado[14] (*Refl*, 6276, AA 18: p. 543, tradução nossa).

[14] Durch das Prädikat des Daseyns thue ich nichts zum Dinge hinzu, sondern das Ding selbst zum Begriffe. Ich gehe also in einem existentialsaß über den Begrif hinaus, nicht zu einem anderen Pradikat, als was im Begriffe

A relevância dessa passagem para Heidegger reside no fato de que ela reafirma dois elementos já presentes tanto no *Beweisgrund* quanto na *Crítica*. Em primeiro lugar, a existência não acrescenta qualquer predicado ao conceito da coisa. Em segundo lugar, Kant distingue explicitamente a posição relativa, própria da ligação entre conceitos em um juízo, da posição absoluta pela qual a própria coisa é posta. Heidegger interpreta essa diferença como um indício de que a questão do ser não se esgota na relação lógico-predicativa entre sujeito e predicado. No juízo existencial, a posição absoluta remete a uma forma distinta de relação, na qual aquilo que é pensado é posto perante a consciência como objeto. Desse modo, a nota das *Reflexões* fornece um importante apoio textual para a distinção heideggeriana entre uso lógico e uso ôntico do ser.

A importância dessa nota torna-se ainda mais evidente quando relacionada aos "Postulados do Pensamento Empírico em Geral". Com efeito, é nesse capítulo que Kant desenvolve de maneira sistemática a tese segundo a qual os modos de ser dizem respeito à relação do objeto com as faculdades do conhecimento, aprofundando o significado da posição absoluta apenas indicada na *Reflexão*.

Essa ampliação da análise conduz Heidegger aos Postulados do pensamento empírico em geral. É precisamente nesse capítulo que Kant procura determinar como os modos de ser — possibilidade, efetividade e necessidade — se relacionam às faculdades do conhecimento. Como recorda Heidegger (1976, p. 466), o próprio Kant inicia os Postulados afirmando:

> As categorias de modalidade têm uma particularidade: elas não aumentam em nada o conceito [a saber, o conceito de sujeito da proposição][15] – ao qual estão anexadas como predicados – como determinação do objeto, mas apenas (*nur*) expressam a relação com a faculdade do conhecimento[16]. Se o conceito de uma coisa já está bem completo, então eu ainda posso perguntar desse objeto se ele é meramente (*bloß*) possível, ou também efetivo, ou, neste último caso, se ele também seria necessário? Desse modo, nenhuma determinação a mais é pensada no próprio objeto, mas apenas (*nur*) se pergunta como ele se comporta (juntamente com todas as suas determinações) em relação ao intelecto e seu uso empírico, à faculdade de julgar empírica, e à razão (na sua aplicação sobre a experiência)?[17] (*KrV* A219/ B266, tradução nossa).

gedacht war, sondern zu dem Dinge selbst [zu] gerade mit denselben, nicht mehr, nicht weniger praedicaten, nur daß [es als hinzu] die absolute Position über die relative noch dazu gedacht wird (complementum possibilitatis). Der Grund des Scheins liegt darin, daß der Begrif des entis realissimi die omnimodam determinationem enthalt, alle andere aber das obiect vielfaltig undeterminirt lassen (*Refl*, 6276, AA 18: p. 543).

[15] Essa explicação entre colchetes é acrescentada no texto de Heidegger na sequência da frase "*daß sie den Begriff*": "[*nämlich den das Satz-Subjekts*]" (Heidegger, 1976, p. 466).

[16] A citação de Heidegger é encerrada neste ponto, portanto, não completa o fim do parágrafo.

[17] Die Kategorien der Modalität haben das Besondere an sich: daß sie den Begriff, dem sie als Prädikate beigefügt werden, als Bestimmung des Objekts nicht im mindesten vermehren, sondern nur das Verhältnis zum Erkenntnisvermögen ausdrücken. Wenn der Begriff eines Dinges schon ganz vollständig ist, so kann ich doch noch von diesem Gegenstande fragen, ob er bloß möglich, oder auch wirklich, oder, wenn er das letztere ist, ob er gar auch notwendig sei? Hierdurch werden keine Bestimmungen mehr im Objekte selbst gedacht, sondern es frägt sich nur, wie es sich (samt allen seinen Bestimmungen) zum Verstande und dessen empirischen Gebrauche,

A primeira sentença do parágrafo, que é a citada na *Tese de Kant sobre o ser* (Heidegger, 1976), traz a informação de que as categorias de modalidade não ampliam o conteúdo do conceito com novas determinações do objeto. Esse é o aspecto negativo do ser, já mencionado na primeira seção, isto é, o ser não pode ser compreendido como predicado real. Não obstante, também na primeira sentença do parágrafo acima, em contraste com esse aspecto negativo, é pontuado que as categorias de modalidade "expressam" (*ausdrücken*) a "relação" (*das Verhältnis*) com a "faculdade de conhecimento" (*Erkenntnisvermögen*). Ao explicar que as categorias de modalidade expressam essa relação, Kant emprega o modificador "*nur*". Desse modo, a intenção de Kant em tal passagem é atenuar o aspecto positivo do ser ("apenas" expressam a relação com a faculdade de conhecimento), quando comparado com o seu aspecto negativo (não aumentam em nada o conceito). As duas maneiras de se opor à predicação ampliativa foram redigidas da seguinte forma:

– "mas apenas (*nur*) expressam a relação com a faculdade do conhecimento";

– "mas apenas (*nur*) se pergunta como ele se comporta em relação ao intelecto e seu uso empírico".

– A passagem é significativa porque retoma, sob nova formulação, um aspecto já presente na tese de que o ser não é predicado real. As categorias modais não acrescentam nenhuma determinação ao objeto; elas apenas expressam a maneira pela qual o objeto se relaciona às faculdades cognitivas. Por isso, quando Kant afirma que possibilidade, efetividade e necessidade dizem respeito à relação do objeto com o intelecto, ele desloca a análise do conteúdo do conceito para as condições de sua validade objetiva.

– É justamente esse deslocamento que Heidegger procura explicitar. Segundo ele, a filosofia crítica não oferece uma definição conceitual mais clara do ser enquanto posição. O avanço da *Crítica* consiste antes em justificar os diferentes modos de ser mediante sua referência às condições transcendentais da experiência.

> A "natureza do objeto", ou seja, a essência do ser não permite um grau maior de clareza. No entanto, uma coisa está estabelecida de antemão: ele pensa existência (*Existenz*) e ser (*Sein*) "em relação às capacidades de nosso intelecto". Também na "Crítica da razão pura" o ser ainda é definido como posição. A reflexão crítica também não atinge um "grau maior de clareza", isto é, segundo a espécie pré-crítica de esclarecer e analisar conceitos. Mas a "Crítica" alcança uma espécie diferente de esclarecimento do ser e de seus vários modos que conhecemos sob os nomes de possível, efetivo e necessário[18] (Heidegger, 1976, p. 456-457, tradução nossa).

zur empirischen Urteilskraft, und zur Vernunft (in ihrer Anwendung auf Erfahrung) verhalte?

[18] Die "Natur des Gegenstandes", d.h. hier das Wesen des Seins erstattet keinen höheren Grad der Verdeutlichung. Gleichwohl steht hier eines für Kant im Vorhinein fest: Er denkt Existenz und Sein "in Beziehung auf die

A mudança de perspectiva aparece de modo particularmente claro no texto dos Postulados. Nele, Kant procura mostrar que as categorias de modalidade não podem ser compreendidas apenas a partir da atividade espontânea do intelecto. Heidegger nos faz recordar da passagem crítica a qual afirma que eles não se deixam "justificar" (*belegen*) simplesmente pelo intelecto puro; ou seja, se não houver um dado a partir da sensibilidade que permita que o ser seja posicionado: seja em acordo com as "condições formais da experiência"[19] (*möglich*); seja em acordo com as "condições materiais da experiência"[20] (*wirklich*); seja em correlação com o efetivo "determinado segundo as condições gerais da experiência"[21] (*notwendig*). Por isso, sem a referência à sensibilidade, restaria apenas a possibilidade lógica do pensamento, mas não a significação objetiva dos conceitos: "Possibilidade, existência e necessidade[22] não se deixam justificar por nada [isto é, estabelecer e fundamentar em seu sentido]…, se for abstraída toda a intuição sensível (a única que possuímos)"[23] (Heidegger, 1976, p. 457, tradução nossa).

Que os conceitos puros do intelecto tenham referência à intuição, isso é a condição necessária para o conhecimento – como é taxativamente asseverado nos Postulados. Sem referência à intuição, não é possível falar em conhecimento – ou "significação" (*Bedeutung*) segundo Heidegger –, apenas restaria a possibilidade lógica da coisa, isto é, pensamento. A partir daí, a distinção entre "uso lógico" (*logischen Gebrauch*) e uso ôntico (*ontischen Gebrauch*) adquire seu pleno significado. No uso lógico, o ser designa a relação entre conceitos. No uso ôntico, porém, essa relação somente pode valer objetivamente quando aquilo que é pensado é também dado à intuição. Assim, a posição deixa de ser apenas a relação entre sujeito e predicado e passa a envolver a relação entre sujeito e objeto. Heidegger (2008, p. 466) sintetiza essa transformação nos seguintes termos:

Vermögen unseres Verstandes". Auch in der "Kritik der reinen Vernunft" wird Sein noch und wieder als Position bestimmt. Die kritische Besinnung erreicht zwar auch keinen "höheren Grad der Verdeutlichung", nämlich nach der vorklinischen Art des Erklären und Zergliedern von Begriffen. Aber die "Kritik" gelangt zu einer andersgearteten Erklärung des Seins und seiner verschiedenen Weisen, die wir unter den Namen Möglichkeit, Wirklichen, Notwendigkeit kennen (Heidegger, 1976, p. 456-457).

[19] "[…] mit den formalen Bedingungen der Erfahrung […]" (*KrV* B266).

[20] "[…] mit den materialen Bedingungen der Erfahrung […]" (*KrV* B266).

[21] "[…] nach allgemeinen Bedingungen der Erfahrung bestimmt ist" (*KrV* B266).

[22] Na verdade, a nota de Kant afirma: "Mit einem Worte, alle diese Begrieffe lassen sich durch nichts belegen, und dadurch ihre reale Möglichkeit dartun, wenn alle sinnliche Anschauunq (die einzige, die wir haben), weggenommen wird" (*KrV* B302, nota de rodapé acrescentada à segunda edição, grifo nosso). Entretanto, Heidegger recupera os três conceitos que estavam sendo tratados no parágrafo: "*Möglichkeit, Dasein und Notwendigkeit*", e os insere no lugar de "*alle diese Begriffe*" antes de colocar o trecho a respeito da "intuição sensível".

[23] Möglichkeit, Dasein und Notwendigkeit "lassen sich durch nichts belegen [d.h. in ihrem Sinn ausweisen und begründen] …, wenn alle sinnliche Anschauung (die einzige, die wir haben) weggenommen wird".

> Sem essa intuição falta aos conceitos de ser a relação com um objeto e é somente essa relação que pode lhes conferir aquilo que Kant chama sua "significação". É verdade que "ser" designa posição, caráter de ser posto no ato de pôr que é realizado pelo pensamento como operação do entendimento. Mas essa posição só é capaz de pôr algo como objeto, quer dizer, como contraposto (*Entgegengebrachtes*), e, desta maneira, fazê-lo surgir em seu estado de ob-stante, se à posição é dado, por meio da intuição sensível, isto é, por meio da afecção dos sentidos, algo que possa ser posto. Somente a posição como posição de uma afecção permite-nos compreender o que significa, para Kant, ser do ente[24].

O texto dos Postulados é bem claro ao afirmar que as categorias de modo devem restringir-se ao seu uso empírico. Por conseguinte, quanto a este ponto, Heidegger não apresenta nada que já não seja massivamente repetido em tal capítulo[25]. Mais importante é a maneira pela qual ele explora os termos *Objekt* e *Gegenstand*, chamando atenção para o caráter de algo que se encontra posto "diante de" ou "perante" um sujeito (*Ob-jekt oder Gegen-stand*). A noção de posição deixa então de remeter simplesmente à coisa[26] considerada isoladamente e passa a indicar sua presença perante uma consciência. Sob esse aspecto, a interpretação heideggeriana permite compreender com maior precisão como a filosofia crítica transforma o tema da posição em uma análise das condições de objetividade.

4 A PERMANÊNCIA DA TESE DO SER COMO POSIÇÃO

Apesar das novidades introduzidas pela filosofia crítica, Heidegger insiste que Kant não abandona a definição fundamental do ser como posição. A inovação da *Crítica* não consiste em substituir essa tese, mas em aprofundar sua fundamentação transcendental. É nesse contexto que adquire relevância a análise heideggeriana da expressão kantiana "mera posição" (*bloß die Position*).

Segundo Heidegger, o termo "mera" não deve ser interpretado como uma diminuição da importância do ser diante da realidade da coisa. Pelo contrário, ele indica que o ser deve ser pensado em seu domínio próprio, distinto das determinações que pertencem ao ente: "O 'mera'

[24]Heidegger emprega vários termos para descrever o ser como posição, e o ato de pôr; o que torna a passagem difícil de ser traduzida. Optamos por manter a tradução da editora Vozes, Petrópolis, RJ.

[25]"Pois, se essas [categorias] não têm um mero significado lógico e não devem exprimir analiticamente a forma do *pensamento*, mas, ao contrário, dizem respeito às coisas e à sua possibilidade, efetividade ou necessidade, então ela deve referir-se à experiência possível e sua unidade sintética, unicamente na qual são dados objetos do conhecimento" (*KrV*, B627, tradução nossa).

[26]Em várias passagens do texto Heidegger brinca com os termos "*Objekt*" e "*Gegenstand*" separando-os para indicar a característica de estar em "frente a" (*ob*) ou "em direção a" (*gegen*): "Se Kant, também na 'Crítica da razão pura', ainda fala de coisa (*Ding*) como, por exemplo, na declaração afirmativa de sua tese sobre o ser, então coisa (*Ding*) quer dizer sempre: ob-stante (*Gegen-stand*), ob-jeto (*Ob-jekt*), no sentido mais amplo de algo que é representado, do X" (Heidegger, 1976, p. 463, tradução nossa).

(*bloß*) não restringe, mas antes remete o ser a um domínio a partir do qual, unicamente, ele pode ser caracterizado de maneira pura (*rein*)"[27] (Heidegger, 1976, p. 452, tradução nossa).

A partir dessa observação, Heidegger procura afastar a interpretação segundo a qual a "coisa" (*Ding*) mencionada por Kant corresponderia a uma realidade existente independentemente de toda referência ao sujeito. Quando Kant fala da posição da coisa ou de certas determinações em si mesmas, o sentido de "em si mesmas" não designa uma coisa subsistente fora de toda relação, mas aquilo que é considerado independentemente de sua função predicativa em um juízo. Assim, o objetivo do comentador é mostrar que o ser não pode ser esclarecido a partir das determinações do ente, mas apenas a partir da própria atividade de posicionar.

Essa interpretação converge com a leitura desenvolvida anteriormente dos Postulados. Em ambos os casos, o que está em questão é a tentativa de preservar a especificidade do ser diante das determinações reais do objeto. O ser continua não sendo um predicado real; contudo, sua compreensão é progressivamente vinculada à relação entre objeto e faculdade de conhecimento.

É justamente nesse ponto que Heidegger identifica a continuidade fundamental entre o período pré-crítico e o crítico. Embora a *Crítica* introduza a temática da intuição, da apercepção transcendental e das condições de possibilidade da experiência, ela permanece fiel ao princípio segundo o qual o ser deve ser compreendido em sua relação com o intelecto[28]. O próprio Heidegger (1976, p. 460-461, tradução nossa) formula essa continuidade de maneira explícita:

> Enquanto Kant, em seu escrito pré-crítico, ainda se contentava com o fato de que o ser e a existência não podem mais ser explicados em sua relação (*Verhältnis*) com as faculdades do intelecto, ele chega, por meio da Crítica da razão pura, não apenas a clarificar mais especificamente as faculdades do intelecto, mas até mesmo a explicar a própria possibilidade do intelecto a partir do seu fundamento. Neste retorno ao lugar da possibilidade do intelecto, nesse passo decisivo da reflexão pré-crítica para a zona do questionamento crítico, uma coisa, no entanto, permanece intocada. Trata-se do fio condutor ao qual Kant se mantém fiel no estabelecimento e elucidação de sua tese sobre o ser: a saber, que o ser e seus modos têm que ser determinados a partir de sua relação (*Verhältnis*) com o intelecto[29].

[27]Das "bloß" schränkt nicht ein, sondern verweist das Sein in einen Bereich, aus dem allein es rein zu kennzeichnen ist. "Bloß" besagt hier: rein.

[28]*Único Argumento*, ao tratar da existência enquanto posição absoluta, já traz a compreensão do ser enquanto relação com as faculdades do nosso intelecto: "Mas a natureza do objeto, em relação às faculdades do nosso intelecto (*Verstandes*), também não permite nenhum grau superior" (*BDG*, AA 02: 74, tradução nossa).

[29]Während Kant in seiner vorkritischen Schrift sich noch dabei bescheidet, daß Sein und Existenz nicht weiter in ihrem Verhältnis zu den Verstandesvermögen erklärt werden können, ist er durch die Kritik der reinen Vernunft dahin gelangt, nicht nur die Vermögen des Verstandes eigens zu klären, sondern sogar die Möglichkeit des Verstandes selbst aus ihrem Grunde zu erklären. Bei diesem Rückgang in den Ort der Möglichkeit des

A análise precedente permite compreender, portanto, a posição final de Heidegger. A filosofia crítica amplia significativamente a investigação kantiana ao relacionar os modos de ser às condições transcendentais da experiência. Contudo, essa ampliação não representa uma ruptura com a tese formulada em 1763, pois há um "fio condutor" (*Leitfaden*) entre os textos. O ser continua sendo pensado como posição, e sua determinação permanece vinculada à relação com o intelecto. A diferença entre os dois períodos consiste menos numa mudança de conceito do que num aprofundamento de sua fundamentação filosófica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permite constatar que a tese kantiana do ser como posição não constitui uma inovação da *Crítica da razão pura*. Tanto o *Beweisgrund* quanto a primeira *Crítica* identificam o ser com o ato de pôr, distinguindo o posicionamento da coisa em si mesma do posicionamento relativo característico da função lógica da cópula. Além disso, elementos centrais da exposição crítica – inclusive o exemplo do juízo "Deus é onipotente" – já se encontram formulados de maneira substancialmente semelhante em 1763.

Entretanto, a leitura de Heidegger evidencia que a filosofia crítica introduz uma modificação importante no modo de fundamentar essa tese. O avanço não consiste em oferecer uma definição mais clara do ser enquanto posição, mas em esclarecer as condições transcendentais que tornam possível a determinação dos seus modos. Ao relacionar possibilidade, efetividade e necessidade às faculdades do conhecimento e às condições da experiência, Kant desloca a investigação do plano da mera análise conceitual para o problema da validade objetiva.

Sob esse aspecto, a interpretação heideggeriana permite compreender simultaneamente a continuidade e a novidade da filosofia crítica. A continuidade reside na permanência da tese segundo a qual o ser deve ser pensado como posição e determinado em relação ao intelecto. A novidade consiste no aprofundamento transcendental dessa mesma tese, agora articulada às condições de possibilidade da experiência e da objetividade. Assim, longe de representar uma

Verstandes, bei diesem entscheidenden Schritt von der vorkritischen Betrachtung in den Bezirk des kritischen Fragens *bleibt allerdings eines unangetastet erhalten*. Es ist der Leitfaden, an den sich Kant bei der Aufstellung und Erläuterung seiner These vom Sein hält: daß nämlich das Sein und dessen Weisen sich aus ihrem Verhältnis zum Verstande müssen bestimmen lassen.

ruptura, a reflexão crítica pode ser entendida como o desenvolvimento sistemático de uma orientação filosófica já presente no texto de 1763.

Os textos examinados ao longo deste estudo reforçam essa conclusão. As *Reflexões*, a *Metaphysik L1* e determinadas passagens acrescentadas à segunda edição da *Crítica da razão pura* mostram que a investigação kantiana acerca do ser continuou a ser desenvolvida para além do *Beweisgrund*. Em especial, esses textos evidenciam uma ampliação da análise da cópula e da noção de relação, permitindo compreender por que Heidegger distingue um uso lógico e um uso ôntico do ser. Contudo, tais desenvolvimentos não alteram a definição fundamental do ser como posição; antes, tornam mais explícita sua vinculação à unidade objetiva do conhecimento e às condições da experiência possível.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. A tese de Kant sobre o ser. *In*: HEIDEGGER, M. **Marcas do caminho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 454-487.

HEIDEGGER, M. Kants these über das sein. *In*: HEIDEGGER, M **Veröffentlichte Schriften** *1914-1970* (Band 9). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1976. p. 445-480.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. São Paulo: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KANT. **Crítica da razão pura**. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.

KANT. **Critique of Pure Reason**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KANT. **Kant's Gesammelte Schriften**. Vol. I-XXIX. Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: DeGruyter, 1910-1983.

KANT. Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gottes. *In*: **Kant's Gesammelte Schriften**. Akad. d. Wiss. Berlin: Reimer, 1912. Band 2, p. 63-163.

KANT. Handschriftlicher Nachlass: Metaphysik (Reflexion 6276). *In*: **Kant's Gesammelte Schriften**. Akad. d. Wiss. Berlin: DeGruyter, 1928. Band 18, p. 543.

KANT. **Kritik der reinen Vernunft**. Hamburg: Felix Meiner, 1956.

KANT. **Manual dos cursos de lógica geral**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Uberlândia: Edufu, 2002.

KANT. **O Único Argumento Possível para uma Demonstração da Existência de Deus**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

KANT. Vorlesungen über die philosophische Religionslehre nach Pölitz (V-Th/Pölitz). *In*: **Kant's Gesammelte Schriften**. Akad. d. Wiss. Berlin: DeGruyter, 1972. Band 28 (Zweite Hälfte, Zweiter Teil), p. 991-1126.

KANT. Vorlesungen über Metaphysik L1 (V-MP-L1/Pölitz). *In*: **Kant's Gesammelte Schriften**. Akad. d. Wiss. Berlin: DeGruyter, 1968. Band 28 (Erste Hälfte), p. 193-350.